

**FACULDADE DOCTUM DE PEDAGOGIA DA SERRA**

**FLÁVIA SILVA SANTOS**

**FLAVIANA DOS SANTOS LIRA**

**OZIMARA NICOLA ZUMACKE GUIMARÃES**

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:  
UM MECANISMO DE INCLUSÃO SOCIAL**

**SERRA (ES)  
2017**

**FLÁVIA SILVA SANTOS**

**FLAVIANA DOS SANTOS LIRA**

**OZIMARA NICOLA ZUMACKE GUIMARÃES**

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:  
UM MECANISMO DE INCLUSÃO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lilian Pereira Menenguci.

**SERRA (ES)  
2017**

**FLÁVIA SILVA SANTOS**

**FLAVIANA DOS SANTOS LIRA**

**OZIMARA NICOLA ZUMACKE GUIMARÃES**

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:  
UM MECANISMO DE INCLUSÃO SOCIAL**

Artigo Científico apresentado à Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

---

**PROF<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> LILIAN PEREIRA MENENGUCI**  
**ORIENTADORA**

---

**PROF<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> KARLA VERUSKA AZEVEDO**  
**EXAMINADORA**

---

**PROF<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> VASTI GONÇALVES DE PAULA CORREA**  
**EXAMINADORA**

# EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM MECANISMO DE INCLUSÃO SOCIAL<sup>1</sup>

Flavia Silva Santos<sup>2</sup>

Flaviana dos Santos Lira<sup>3</sup>

Ozimara Nicola Zumacke Guimarães<sup>4</sup>

## RESUMO

Este artigo resulta de uma pesquisa de caráter qualitativo que buscou compreender a Educação de Jovens e Adultos e suas especificidades no município de Serra (ES). A pesquisa se deu em uma escola Municipal localizada no bairro Vila Nova de Colares. A coleta de dados se deu por meio de observações e entrevistas no campo de investigação. O estudo contou com a participação de quatro profissionais da educação: dois docentes; uma pedagoga; e um técnico da Secretaria Municipal de Educação, responsável pela coordenação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município da Serra. Além disso, três discentes também participaram do estudo. O ponto de vista teórico contou com a contribuição de autores como Arroyo (2006), Brandão (2006), Freire (2015) entre outros.

**Palavras-chave:** EJA, Inclusão social, Política Educacional.

## ABSTRACT

This article is the result of a qualitative nature research that sought to understand Youth and Adult Education and its specificities in the county of Serra (ES). The research was done in a municipal school located in the neighborhood Vila Nova de Colares. The data were captured through observations and interviews in the research field. The study had the participation of four professionals of the education: two teachers, one pedagogue and one technician from the Municipal Department of Education responsible for coordination of Youth and Adult Education (YAE) in the county of Serra. In addition, three students also participated in the study. From a theoretical point of view, it was supported by contributions from Arroyo (2006), Brandão (2006), Freire (2015) and others.

Key words: YAE, Social Inclusion, Educational Politics.

---

<sup>1</sup> Artigo produzido como requisito de avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Lilian Pereira Menenguci, no período 2017/2.

<sup>2</sup> Concludente do Curso de Pedagogia da Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra (ES), 2017/2.

<sup>3</sup> Concludente do Curso de Pedagogia da Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra (ES), 2017/2.

<sup>4</sup> Concludente do Curso de Pedagogia da Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra (ES), 2017/2.

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema “*Educação de Jovens e Adultos: um mecanismo de inclusão social*” se deu a partir das discussões acerca da disciplina Educação de Jovens e Adultos (EJA), ministrada durante um semestre letivo, ao longo de nossa formação inicial no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

As discussões instigaram-nos a refletir sobre essa modalidade de ensino que é voltada para jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na idade considerada apropriada, compreendendo-a, assim, como mecanismo de inclusão social.

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo que tem como objetivo refletir sobre as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores da EJA numa escola pública que oferece essa modalidade de ensino. Além disso, buscou conhecer as percepções dos estudantes da EJA sobre o seu processo de escolarização e suas expectativas quanto a sua participação na sociedade. Revela a visão desse alunado em relação ao futuro, assim como apresenta, também, as percepções dos docentes a respeito dessa modalidade de ensino.

O presente estudo se deu em uma instituição pública de ensino localizada no bairro Vila Nova de Colares, no Município de Serra (ES). Para a coleta de dados, utilizamos, além da observação, entrevistas. O estudo contou com a participação de quatro profissionais da educação: dois docentes e uma pedagoga, atuantes na escola; e um técnico da Secretaria Municipal de Educação, responsável pela coordenação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município da Serra. Além disso, três discentes, matriculados e frequentando a escola foco da pesquisa, também participaram do estudo.

A pesquisa se apoia nas leituras de Paulo Freire – um dos principais precursores na luta por uma educação libertadora – que entende a educação como direito de aprender, de ampliar o conhecimento ao longo da vida, e não somente de escolarização. Para o autor, “quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos.” (1979, p.15).

Este trabalho se organiza em três seções. Na primeira seção, intitulada “*Breve Abordagem do Panorama da Educação de Jovens e Adultos no Brasil*”, trazemos um olhar histórico acerca da EJA no Brasil.

Na segunda seção, “*A Educação de Jovens e Adultos no Município de Serra (ES)*”, além de apresentar o município, campo de investigação da pesquisa, também apresentamos a política educacional voltada para a EJA na cidade.

A terceira seção do texto, “*Caminhos metodológicos: A Educação de Jovens e Adultos na cidade de Serra-ES*”, traz o percurso metodológico e apresenta os dados coletados durante o processo de pesquisa e as análises resultantes desses dados a partir do pensamento de Freire e a contribuição de outros autores na e para a área.

Por último, na seção “*considerações finais*”, nossas percepções acerca do processo de pesquisa, de modo geral, que reafirma a necessidade de permanente investimento no tema, associada à intenção de que este estudo sirva de incentivo, de estímulo, e contribua para e com as investigações de futuros estudiosos, de maneira específica.

## **1 BREVE ABORDAGEM DO PANORAMA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL**

Nesta seção do texto abordamos alguns aspectos históricos relacionados à Educação de Jovens e Adultos no Brasil e, para isso, iniciaremos pelo período do Brasil Império.

O período do Brasil Império (1822-1889) compreende as fases nas quais o país tornou-se independente até a proclamação da República. Esse marco temporal é organizado em três partes: Primeiro Reinado, Período Regencial e Segundo Reinado.

Cem anos desde o período da colonização, com as propostas educativas dos jesuítas sucedidas pelas propostas de Marques de Pombal, começaram a acontecer algumas reformas educacionais que preconizavam a educação de pessoas adultas. Segundo Casério (2004) p.14 citado por (Bezera, Santana 2011 p. 95) “[...] voltamos a encontrar informações sobre educação de adultos, no momento histórico em que as províncias do Império criaram as chamadas escolas noturnas”.

Na década de 1930, com o início da industrialização e o repovoamento urbano, o então presidente Getúlio Vargas tomou medidas a respeito da Educação de Jovens e Adultos no país. Porém, essas medidas não foram para uma educação que fosse capaz de favorecer a criticidade do indivíduo, mas, sim, uma educação voltada para a profissionalização.

Somente a partir da década de 1940 a educação básica de adultos consegue alcançar seu espaço na história da Educação Brasileira, utilizando medidas e campanhas educacionais, como: a criação e a regularização do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP); a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP); o surgimento das primeiras obras dedicadas ao ensino supletivo; o lançamento da Campanha de Educação Adolescente e Adulto (CEAA) e outros programas.

A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) tinha duas estratégias: a alfabetização de grande parte da população e a capacitação profissional junto à comunidade com o objetivo de, não somente alfabetizar, mas

também, aprofundar o trabalho educativo. Porém, como afirma Jardimho (2015, p.50), “essa Campanha foi extinta antes do final da década, sob várias críticas quanto à sua gestão administrativa e financeira, bem como quanto às suas orientações pedagógicas.”

Nos anos 1950, duas novas campanhas foram organizadas: a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), ambas foram campanhas de curta duração que não trouxeram resultados práticos significativos para a redução dos altos índices de analfabetismo no Brasil. (Casério, 2004 apud Bezera, Santana 2011, p.97).

Na década de 1960, novo impulso foi dado às campanhas de alfabetização de adultos. Houve o movimento de diversas instituições da sociedade civil e religiosa no combate ao analfabetismo. Podemos citar aqui, como exemplo, a Igreja Católica, que se destacou como uma das principais agências alfabetizadoras de adultos e que desenvolvia sua atuação junto às massas populares por meio do Movimento de Educação de Bases (MEB) e Ministério da Educação (MEC). Todavia, devido às pressões e à escassez de recursos financeiros, grande parte do sistema finalizou suas atividades em 1966.

Ainda na década de 1960, surge o Movimento de Cultura Popular (MCP), em Recife- (PE), no nordeste do Brasil. Esse movimento tinha como objetivo a conscientização das massas através do processo de alfabetização de pessoas adultas. É nesse contexto que surgem experiências bem-sucedidas de alfabetização de adultos, culminando no Sistema Paulo Freire de Alfabetização.

O Sistema Paulo Freire de Alfabetização, também conhecido como Método Paulo Freire<sup>5</sup>, consistia numa proposta de alfabetização para adultos que criticava o sistema tradicional de alfabetização que se apoiava, sobretudo, na “Cartilha<sup>6</sup>” como ferramenta central da didática para o ensino da leitura. “A cartilha é um saber abstrato, pré-fabricado e imposto. É uma espécie de roupa de tamanho único que serve para todo mundo e para ninguém”. (Brandão, 1966 p.17).

---

<sup>5</sup> No livro “*O que é Método Paulo Freire*”, de Carlos Rodrigues Brandão, publicado pela Editora Brasiliense, o leitor terá a oportunidade de aprofundar sua compreensão acerca da proposição Freireana para a Alfabetização.

<sup>6</sup> As cartilhas foram os primeiros livros no Brasil, desde o período colonial, a serem empregados na alfabetização e na aprendizagem da leitura.

Paulo Freire aposta numa metodologia de alfabetização baseada na experiência de vida das pessoas. Nessa perspectiva, ele trabalhava os processos de leitura e escrita a partir das chamadas palavras geradoras. Essa primeira etapa pedagógica da construção da metodologia Freireana também ficou conhecida por outros nomes semelhantes, como: “levantamento do universo vocabular”, “descoberta do universo vocabular”, “pesquisa do universo vocabular” e “investigação do universo temático”.

Assim, por exemplo, um trabalhador de fábrica poderia aprender a ler e a escrever palavras como “tijolo” e “cimento”; um agricultor aprenderia “cana”, “enxada”, “terra”, “colheita” etc. A partir da decodificação fonética dessas palavras, construía-se novas palavras ampliando o repertório do sujeito, buscando o seu significado social, tomando, assim, consciência do mundo vivido.

Essa proposta de Paulo Freire, de alfabetizar a massa por meio da conscientização<sup>7</sup>, foi interrompida pelo golpe militar de 1964. Isso fez de Freire um dos primeiros brasileiros exilados pela ditadura militar. Acusado de subversão, permaneceu preso por 72 dias, antes de partir para o exílio no Chile.

Fui considerado um “subversivo internacional”, um “traidor de Cristo e do povo brasileiro”, “Nega o senhor – pergunta um dos juizes – que seu método é semelhante ao de Stalin, Hitler, Perón e Mussolini? Nega o senhor que com seu pretendido método o que quer é tornar bolchevique o país?...” FREIRE (1991, p.41).

Ainda sob ditadura militar, o Estado assumiu diretamente o controle da alfabetização de adultos, por meio da Lei nº 5.379 de 15 de dezembro de 1967, e criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), que começou seu funcionamento, efetivamente, em 1970. O Mobral contava com os recursos financeiros da loteria esportiva, do Imposto de Renda e de doações de empresas estatais e particulares.

O Movimento organizava-se em três níveis: a administração central (Mobral Central), as coordenações estatais e as comissões municipais. Esses agentes faziam a organização dos cursos do Mobral, como: concessão de salas. Faziam, também, a mobilização dos analfabetos e alfabetizadores. O Mobral tinha como principal objetivo a erradicação do analfabetismo no país.

---

<sup>7</sup> No livro “*Conscientização*” de autoria de Paulo Freire, publicado pela Editora Cortez, o leitor compreenderá melhor a concepção de Paulo Freire a cerca da palavra “conscientização”.

Porém, esse programa passou por várias alterações em seus objetivos, ampliando sua área de atuação para campos como a educação de crianças, extrapolando, em muito, a especificidade da sua ação pedagógica, tornando-se, como aponta Casério (2004): “[...] um exemplo negativo de educação de jovens e adultos, pela baixa qualidade de serviços prestados e pelo modelo de educação domesticadora [...]”(CASÉRIO,2004, p. 26 apud Bezera, Santana 201, p.98).

Em 1971, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 5692/71, surge o Ensino Supletivo, o que se tornou um grande marco na história da Educação de Jovens e Adultos do Brasil. Foram criados Centros de Ensino Supletivo em todo o País, com a proposta de ser um modelo de educação do futuro, atendendo as necessidades de uma sociedade em processo de modernização.

O objetivo era oferecer a escolarização para um grande número de pessoas, com baixo custo operacional, satisfazendo as necessidades de um mercado de trabalho competitivo que exigia, cada vez mais, um grau de escolarização maior.

Na década de 1980, com o fim do militarismo e a retomada do processo de democratização, a sociedade brasileira passou por importantes transformações sócio-políticas. Nesse contexto, as experiências paralelas de alfabetização, desenvolvidas dentro de um formato mais crítico, ganharam corpo.

Surgiram os projetos de pós-alfabetização, que propunham um avanço na linguagem escrita e nas operações matemáticas básicas. Em 1985, o Mobral chegou ao fim dando lugar à Fundação Educar<sup>8</sup>. Vale ressaltar que no momento da aprovação da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, a responsável pela política de erradicação do analfabetismo, em nível federal, era a Fundação Educar.

Se orientando pelo modelo administrativo do extinto Mobral, a Fundação atuava, especificamente, na Educação de Jovens e Adultos, fazendo a inclusão da população analfabeta nas redes oficiais de ensino. Porém, diferentemente do Mobral, que desenvolvia ações diretas de alfabetização, a Fundação Educar exercia

---

<sup>8</sup> A Fundação EDUCAR surgiu em 1985, como substituta do MOBREAL. O estatuto, porém só foi estabelecido pelo Decreto nº 92.374, de 6 de fevereiro de 1986, onde todos os bens do MOBREAL foram transferidos para a EDUCAR. Promovia a execução dos programas de alfabetização por meio do “apoio financeiro e técnico às ações de outros níveis de governo, de organizações não governamentais e de empresas”.

a supervisão e o acompanhamento junto às Instituições e Secretarias que recebiam recursos financeiros para a execução de seus programas.

Já na década de 1990, a EJA perdeu espaço nas ações governamentais. O governo de Fernando Collor de Mello acabou com a Fundação Educar e não criou nenhuma outra instância que assumisse suas funções. Dessa forma, a União se afastou das responsabilidades com a EJA transferindo essa responsabilidade para os estados e municípios brasileiros.

Ainda na década de 1990, devido às conferências realizadas pela Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas (UNESCO) e criadas pela Organização das Nações Unidas (ONU), responsável por incrementar a educação nos países em desenvolvimento, a EJA passou a ser reconhecida como uma importante ferramenta para o fortalecimento da cidadania e formação cultural da população, tornando-se uma discussão nacional envolvendo delegações de todo o país.

*A partir dessa mobilização nacional, foram organizados os Fóruns Estaduais de EJA, que vêm se expandindo em todo o país, estando presentes, atualmente, em todos os estados brasileiros. Isso se deu da seguinte forma: Em 1996, ocorreu uma intensa mobilização incentivada pelo MEC e pela UNESCO, como forma de preparação para a V Conferência Internacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CONFITEA). O MEC instituiu uma Comissão Nacional de Educação de Jovens e Adultos (EJA), para incrementar essa mobilização. A recomendação dada foi de que cada Estado realizasse um encontro para diagnosticar metas e ações de EJA. Desde então, as instituições envolvidas decidiram dar prosseguimento a esses encontros. (PEREHOUSKEI; DIAS; BARROS 2013, p.147).*

No ano 2000, exatamente em 2003, o Ministério da Educação (MEC) anunciou que a Alfabetização de Jovens e Adultos seria uma prioridade do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Para isso, foi criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, cuja meta foi erradicar o analfabetismo durante o mandato do Presidente.

Nessa perspectiva, o governo Lula lançou o Programa Brasil Alfabetizado, com o objetivo de diminuir o analfabetismo no Brasil e a universalizar a alfabetização de jovens e adultos, de 15 ou mais anos de idade, e também de idosos.

Segundo o MEC, o Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a municípios que apresentam alta taxa de analfabetismo, sendo que 90% desses localizam-se na região Nordeste do país.

Esses municípios recebiam apoio técnico na implementação das ações do programa, visando garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizandos.

O redesenho do Brasil Alfabetizado prevê responsabilidade solidária da União, Estados e Municípios. Ao município, cabe ações como mobilizar pessoas analfabetas para matrícula e frequência às aulas, selecionar e capacitar professores”. (COUTINHO, 2010, p.33) apud (BEZERRA; SANTANA, 2011 p. 99)

Em 2007, ainda durante o governo Lula, em conjunto com o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, instituído por meio do decreto Lei nº 6.094, foi lançado o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Esse é um conjunto de programas que visam melhorar a Educação no Brasil, em todas as suas etapas, num prazo de 15 anos desde a sua criação.

No âmbito do PDE são instaurados dois programas: o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Educação, Qualificação e Ação Comunitária (PROJOVEM) e o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

O PROJOVEM proporciona a conclusão e certificação do Ensino Fundamental articulada à formação profissional inicial para pessoas de 18 a 29 anos. O PROEJA tem como objetivo promover a reintegração do jovem, a partir de 18 anos completos, ao processo educacional dos Ensinos Fundamental e Médio, sua qualificação profissional inicial e de nível técnico e seu desenvolvimento humano.

Ainda se tratando de ações voltadas à implantação de programas, foi criado, em 2007, o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA EJA), por meio da Resolução nº 18, de 24 de abril, com o objetivo de promover as entidades parceiras do Brasil Alfabetizado e as escolas públicas de ensino fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com livros didáticos de qualidade.

O Plano Nacional de Educação (PNE), criado em 2014, prevê, entre outras medidas, a erradicação do analfabetismo absoluto de jovens e adultos e a redução em 50% da taxa de analfabetismo funcional até 2024.

Todos os projetos e planos que vieram ocorrendo ao longo do tempo, na tentativa de erradicar o analfabetismo no País, não tiveram tempo suficiente para atingirem seus objetivos, pois esses sempre eram substituídos por outros devido à troca de governos.

Uma coisa que têm que levar em conta é que toda a proposta de políticas públicas propostas pelos governos ao longo dos anos, aconteceram por causa das pressões, tanto internacional - UNESCO e ONU – como, também, por pressão nacional (movimentos populares).

Como essa história e essas políticas se mostram na cidade de Serra? É o que tentaremos apresentar na próxima seção do estudo, intitulada “*A Educação de Jovens e Adultos no município de Serra (ES)*”, na qual discorreremos sobre o contexto no qual se instaura a política da EJA.

## **2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE SERRA (ES)**

O Município de Serra, localizado no Estado do Espírito Santo, está situado, geograficamente, conforme figura 1, ao norte, com o município de Fundão; ao sul, com Vitória e Cariacica; a Oeste, com Santa Leopoldina e tendo à sua face leste o Oceano Atlântico.

Possui uma área de 547,637 Km<sup>2</sup> e é o segundo município do Espírito Santo em população. Conforme os dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010, representa 10,66% de toda a população do Estado do Espírito Santo. Segundo o mesmo Instituto, estima-se que, em 2017, o número de habitantes chegue a 502, 618 mil pessoas o que representa 10% da população do Estado.

FIGURA 1 | MAPA COM A CIDADE DE SERRA



Fonte da imagem: <http://www3.camaraserra.es.gov.br/Arquivo/images/PAG/mapa1>.  
Acesso em 06 de dezembro de 2017, às 15h25.

A cidade possui 127 bairros localizados em zona urbana, mas contém uma extensa zona rural. É considerado polo industrial, onde encontram indústrias importantes para a economia do estado do Espírito Santo, como: a Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), a Vale S.A, além do Centro Industrial de Vitória (CIVIT) I e II.

Além disso, o município tem um grande potencial turístico que vem sendo amplamente explorado por meio de ações e projetos implantados e realizados através de sua Secretaria Municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer (SETUR). Podemos citar aqui, o projeto “Serra meu Amor”, que tem o objetivo de potencializar o turismo nos bairros da cidade, destacando a cultura local.

O crescimento urbano, rápido e desordenado do município, gerou grande desenvolvimento, mas, também trouxe consigo diversos problemas socioeconômicos, dentre eles o analfabetismo e uma baixa escolarização da população. (Bastos 2016, p.32).

Segundo Bastos (2016 p.33), o Sistema Municipal de Ensino de Serra, foi constituído em 2003, na gestão do Prefeito Antônio Sergio Alves Vidigal por meio da lei nº 2.665, de 30 de dezembro “que cria, institui e disciplina a organização do Sistema Municipal de Ensino do Município da Serra”, objetivando a coordenação integrada da educação escolar que se desenvolve em seu território.

Segundo o Anuário Municipal de Dados (2010), a Rede Municipal de Educação de Serra possui 110 Unidades de Ensino Fundamental com 44.309 alunos no primeiro e segundo segmentos. Entre esses, 3.836 alunos são fazem parte da Educação de Jovens e Adultos (EJA) ofertada em 17, das 110 Unidades de Ensino existentes no município. Também possui 68 centros municipais de educação infantil (CMEIs), com 21 mil crianças matriculadas.

No ano de 2010, segundo a coordenação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Secretaria Municipal de Educação de Serra, 3.836 alunos estavam matriculados na modalidade de EJA, distribuídos em 17 unidades de ensino. Em 2017, comparando com o ano de 2010, 2.045 alunos foram atendidos, distribuídos em 14 unidades municipais de ensino, conforme Quadro 1.

QUADRO 1 | ESCOLAS MUNICIPAIS DO MUNICÍPIO DE SERRA QUE OFERECEM A MODALIDADE EJA

UNIDADES DE ENSINO	BAIRROS
EMEF Américo Guimarães Costa <sup>9</sup>	Carapina Grande
EMEF Aureníria Correa Pi-mentel	Novo Horizonte
EMEF Djanira Maria de Araújo	Nossa Sra. Da Conceição
EMEF Sonia Regina Gomes Rezenda Franco	Serra Dourada I
EMEF Serrana	Centro
EMEF Prof <sup>a</sup> Valéria Maria Miranda	Vila Nova de Colares
EMEF Prof <sup>a</sup> Alba Lília Castelo Miguel	Enseada de Jacaraípe
EMEF Prof. Luiz Baptista	Jardim Tropical
EMEF Manoel Carlos de Miranda	José de Anchieta
EMEF Jonas Farias	Nova Carapina
EMEF João Paulo II	Boa Vista
EMEF João Calmon	Planalto Serrano
EMEF Flor de Cactus	Feu Rosa
EMEF Belvedere <sup>10</sup>	Chapada Grande

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Serra | Coordenação de Educação de Jovens e Adultos, Ano 2017.

<sup>9</sup> Segundo o Coordenador Geral da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Serra (ES), a EMEF Américo Guimarães Costa, localizada em Carapina Grande, a partir de 2017, não oferece mais a modalidade de EJA.

<sup>10</sup> Segundo o Coordenador Geral da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Município de Serra (ES), a EMEF Belvedere, localizada na Chapada Grande, oferece a modalidade de EJA na Educação do Campo.

Considerando que a população de Serra vem crescendo, cotidianamente, acreditamos que as reduções da oferta da modalidade de EJA nas unidades de ensino caminham na contramão das necessidades apresentadas pela população de jovens e adultos que, por diferentes motivos, precisam retomar seus estudos.

A Constituição Brasileira de 1988 preconiza, em seu artigo 208, que o ensino Fundamental é obrigatório e gratuito, garantindo a sua oferta, inclusive para todos os que a ele não tiveram o acesso na idade apropriada. É nesse nível de ensino que acontece o domínio da leitura, da escrita e do cálculo, elementos indispensáveis para o desenvolvimento da capacidade de aprender e de se relacionar com o meio social e político.

Conforme a Lei 3.607, de 25 de outubro 2010, a Educação de Jovens e Adultos no município de Serra, vem se dando através do ensino supletivo nas redes privadas, do ensino fundamental regular noturno; por ciclos, na rede municipal; e na modalidade de EJA, na rede Estadual.

Essas formas de ensino visam atender aos jovens e adultos aos quais foram negados o direito à educação na infância pela falta de vagas ou pelas condições socioeconômicas desfavoráveis a que foram submetidos.

Segundo o coordenador da EJA, no município de Serra, a Educação de Jovens e Adultos se dá em cinco anos de forma presencial e se organiza em quatro etapas que correspondem aos nove anos do ensino fundamental. O inicial I, Inicial II, intermediário e conclusivo.

Quanto ao currículo, o município vem seguindo as orientações das Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos estabelecidas por meio da Resolução do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica (NE/CEB) nº 1, de 5 de julho de 2000.

Quanto ao financiamento da Educação de Jovens e Adultos na cidade, os recursos, segundo a Coordenação da Modalidade, são os mesmos repassados pela União para a educação regular do ensino fundamental. Contudo, o aluno da educação regular custa, para o município, cerca de R\$ 4.600,00 (quatro mil e seiscentos reais),

enquanto o aluno da EJA representa o valor de R\$ 3.600,00 (três mil e seiscentos reais).

A Educação de Jovens e Adultos do município, por meio da parceria com o Instituto Federal de Educação Superior (IFES), realiza o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA)<sup>11</sup>. Em 2017, cerca de 148 alunos foram inscritos no programa. Contudo, segundo a Coordenação da EJA, a demanda por vagas no programa tem sido cada vez mais crescente. Com isso, muitos alunos que saem da EJA são matriculados, pela própria escola, no Ensino Médio.

Atualmente, segundo a Coordenação da EJA da Serra, tem sido discutido, junto aos municípios de Cariacica, Vila Velha e Vitória, outro projeto com o objetivo de beneficiar, da mesma forma, estudantes que, uma vez matriculados na modalidade, tenham que mudar de uma cidade para outra sem que seus estudos sejam prejudicados.

A forma como essa política do município se constitui na escola é o objetivo da próxima seção do texto, “Caminhos Metodológicos Educação de Jovens e Adultos na Cidade de Serra”. Nela, apresentaremos nossos percursos metodológicos, os dados coletados e as análises resultantes deles.

### **3 CAMINHOS METODOLÓGICOS: A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA CIDADE DE SERRA (ES)**

Este trabalho se qualifica numa abordagem qualitativa, que segundo MINAYO (2001), “se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de campo, utilizando

---

<sup>11</sup> O PROEJA pretende contribuir para a superação do quadro da educação brasileira explicitado pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-; PNAD divulgados, em 2003, que 68 milhões de Jovens e Adultos trabalhadores brasileiros com 15 anos e mais não concluíram o ensino fundamental e, apenas, 6 milhões (8,8%) estão matriculados em EJA. A partir desses dados e tendo em vista a urgência de ações para ampliação das vagas no sistema público de ensino ao sujeito jovem e adulto, o Governo Federal instituiu, em 2005, no âmbito federal o primeiro Decreto do PROEJA nº 5.478, de 24 de junho de 2005, em seguida substituído pelo Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006, que introduz novas diretrizes que ampliam a abrangência do primeiro com a inclusão da oferta de cursos PROEJA para o público do ensino fundamental da EJA.

o método descritivo, buscando compreender quais são os desafios enfrentados pelos alunos e profissionais da EJA na cidade.

Para isso a pesquisa se deu na Escola Municipal de Ensino Fundamental PVMM que funciona há aproximadamente 26 anos. A instituição possui uma ótima estrutura e está localizada no Bairro Vila Nova De Colares, em Serra (ES). Ela oferece o Ensino Fundamental I e II, como também a EJA no turno da noite.

Para a coleta de dados, fizemos entrevistas com três alunas matriculadas na modalidade EJA; duas professoras da Educação de Jovens e Adultos; uma pedagoga e o coordenador geral da modalidade de Educação de Jovens e Adultos do município.

Além disso, também observamos, na escola durante o turno noturno, alguns momentos de socialização entre os alunos e os profissionais dessa modalidade de ensino. As observações foram feitas nos dias 26 e 27 de outubro de 2017, das 19h às 21h, perfazendo uma carga horária de 5h20m.

A intenção foi de observar o funcionamento da escola, sua dinâmica, durante as aulas noturnas para a EJA. Notamos que os alunos, ao chegarem, vão diretamente para o refeitório. Isso, em função da alimentação que é oferecida aos estudantes, já que a maioria sai do trabalho direto para a escola. Segundo as alunas participantes deste estudo “se fossem em casa antes, perderiam o estímulo de ir às aulas”. Logo, a oferta da alimentação na EJA é uma questão que, ao que nos parece, não pode ser desconsiderada.

Constatamos que a escola, aparentemente, é bastante tranquila quanto à disciplina dos alunos. Contudo, é importante destacar, nos dias das observações para este estudo, por exemplo, havia um contingente pequeno de alunos, em relação aos que estão matriculados nesta unidade.

Segundo a pedagoga da escola, que aqui vamos chamar pelo nome fictício de “Dolores”, a escola possui 161 alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos organizados em cinco salas de aula destinadas para as turmas de EJA, sendo: uma delas, destinada para o segmento inicial I – que atende a 1º e 2º série; duas salas, para o segmento inicial II – que atende a 3º e 4º série; uma sala para a

turma do intermediário – que atende a 5º e 6º série e, finalmente, duas salas para a fase conclusiva, que atende à 7º e 8º série.

Dolores também relatou que dos 161 alunos matriculados, 109 são os que frequentam. Em relação às matrículas, informou que são feitas em qualquer etapa do ano pois há muita evasão o que gera vagas para novas matrículas.

Em relação à formação para os professores da EJA, a pedagoga nos informou que a formação acontece separada dos outros professores que lecionam para os ensinos, fundamental e médio. “No início deste ano, por exemplo, aconteceu uma formação, abordando diversos temas relacionados à Educação de Jovens e Adultos”, afirmou Dolores.

Arroyo (2006) acredita que, se tratando de educação para Jovens e adultos, as Diretrizes Curriculares para o curso de pedagogia, não apresentam nenhuma legislação específica para a formação de um perfil de educadores de Jovens e Adultos. Segundo o autor, “o perfil do educador de Jovens e Adultos e sua formação encontra-se ainda em construção”. (ARROYO, 2006, p.18). Será necessário haver muito diálogo, muita clareza e, acima de tudo, muita determinação dos cursos de pedagogia para que se possa construir esse perfil.

Além da contribuição da pedagoga Dolores, que se constituiu uma de nossas participantes da pesquisa, três alunas matriculadas e frequentando a EJA, com idade entre 20 e 43 anos, foram escolhidas, aleatoriamente, para participar do estudo.

As entrevistas com as alunas aconteceram, tanto no refeitório, quanto na sala de aula, ambas no mesmo dia. Na ocasião, a professora regente havia faltado às aulas. Então, a pedagoga “passou a atividade no quadro” e, imediatamente, liberou a turma após o término da mesma, sem que, contudo, houvesse a correção da atividade por parte dela – que retornou à sua sala.

Durante as entrevistas, não utilizamos gravadores. Mas registramos, no caderno, nosso diário de campo<sup>12</sup>, as respostas concedidas por todas elas. Os depoimentos

---

<sup>12</sup> O diário de campo, conforme Oliveira (2014) em seu trabalho “(ENTRE) LINHAS DE UMA PESQUISA: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto) biográfica”, “configura-se como um dispositivo de registro das temporalidades cotidianas vivenciadas na

são apresentados na íntegra, preservando as identidades das envolvidas. Para isso, daremos nomes fictícios para cada uma delas. E usaremos uma identidade fictícia Maria, 43 anos, profissão: cozinheira; Amélia, 31 anos, profissão: diarista, e Lúcia, 20 anos, profissão: vendedora.

Interessamo-nos em conhecer o motivo pelo qual ambas decidiram retomar seus estudos. De acordo com as nossas participantes, são suas motivações:

- Aprender mais, conseguir um trabalho melhor. (Maria)
- Perdi uma fase da minha vida e resolvi voltar. O mercado de trabalho está exigindo muito, por isso voltei. (Amélia)
- Minha filha e minha mãe me motivaram a voltar a estudar. (Lúcia)

De acordo com as nossas participantes, tanto para a Maria quanto para a Amélia, a retomada dos estudos se deu em função da necessidade de inserção no mercado de trabalho. Segundo a Lei de diretrizes e bases LDB 9.394/96, uma das funções da escola tem relação com a preparação do sujeito para a vida no trabalho. Já para Maria, a motivação foi promovida pela participação da sua família. Nesse sentido, para Bock, Furtado e Texeira (1999), apud Bonfonte (2017) a motivação é o processo que mobiliza o organismo para uma ação. Nesse caso, a família foi este organismo.

Entretanto, nossas entrevistadas também falam de suas dificuldades para seguir adiante.

- Devido ao cansaço do trabalho. (Maria)
- Meu marido está desempregado. Sou diarista. Eu que estou mantendo a casa (Amélia).
- Chego cansada do trabalho e não tenho vontade de ir para a escola. (Lúcia).

---

pesquisa, ao potencializar a compreensão dos movimentos da/na pesquisa e das diversas culturas inscritas no cotidiano da comunidade e da escola estudada”. O trabalho completo de Oliveira está disponível para acesso na Revista Eletrônica <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/1059>

Nessa questão, detectamos que as três entrevistadas, responderam que o cansaço da jornada de trabalho é o fator principal de dificuldade de frequentarem as aulas. Geralmente os alunos da EJA vão para a escola, cansados, sentindo-se oprimidos e desestimulados. Nesse sentido, Weneck (1999, p. 23) explica que:

*Muitas vezes a escola se apresenta aos alunos como um pesado elefante. A primeira impressão deixada para o estudante é de alguma coisa impossível de ser ultrapassada. Poucos terão a alegria e certeza de poder enfrentar esse peso, mais próximo do desgostoso do que da felicidade. (WENECK, 1999, p.23).*

A forma como as aulas são conduzidas, a prática pedagógica em sala de aula, pode contribuir para enfrentar esses desafios. Para isso, objetivamos conhecer a percepção das alunas quanto aos seus professores.

Para Maria, “os professores são bons profissionais”. Afirma, ainda “eles nos incentivam a não parar de estudar. A relação com a turma é boa”. A percepção de Amélia vai no mesmo caminho. Segundo ela, os professores “são bons e ensina bem”. Segue comentando “vão de acordo com nosso ritmo” e conclui “no ano passado tínhamos um professor de matemática, que sabia a matéria, porém não sabia explicar para os alunos. Mas neste ano o professor é bom, a relação com a turma é boa. Os alunos respeitam os professores”, revelou Amélia. Na percepção de Lúcia, um destaque para a sua afirmação: “os professores gostam da nossa sala”.

Sobre as percepções das alunas em relação aos professores da EJA, as entrevistadas deixaram claro que as professoras e professores que lecionam para elas são bons profissionais. São pacientes, incentivadores e afetivos. Segundo Pinheiro e Gonçalves (2001) apud (Maia; Mendonça e Góes 2005), o professor deve ser orientador da aprendizagem, favorecendo a participação dos alunos.

Além disso, Paulo Freire nos ensina a educar e aprender com amor. Segundo ele (2011,p.110), “não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda”. A educação, principalmente a de Jovens e Adultos, precisa de pessoas que se doem para o seu trabalho com amor, que se preocupem, verdadeiramente, com a formação do outro.

Quanto aos conteúdos desenvolvidos em sala de aula, e o seu rebatimento no processo ensino-aprendizagem, as nossas participantes também se manifestaram:

- Estou compreendendo os conteúdos, mas alguns precisam ser mais bem explicados. Os professores são pacientes e isso ajuda muito. (Maria)

-Consgo aprender quando estou menos cansada. A dificuldade é em matemática. (Amélia)

- A única dificuldade é em matemática, porque não gosto. (Lúcia)

Segundo as entrevistadas, elas conseguem acompanhar os conteúdos, no entanto, cada uma delas apresenta alguma dificuldade. Para Maria, alguns dos conteúdos precisam de mais explicação; já para Amélia e Lucia, a dificuldade encontrada está na disciplina de matemática. Vitti (1999, p. 32-/33) citado por (Santos; França; Santos 2007, p.15) ressalta que:

*É muito comum observarmos nos estudantes o desinteresse pela matemática, o medo da avaliação, pode ser contribuído, em alguns casos, por professores e pais para que esse preconceito se acentue. Os professores na maioria dos casos se preocupam muito mais em cumprir um determinado programa de ensino do que em levantar as ideias prévias dos alunos sobre um determinado assunto. (VITTI, 1999, p.32-33).*

Concluir a EJA é o objetivo de nossas três participantes. Cada uma delas destacou suas pretensões quando conquistarem seus certificados de conclusão desta fase de escolarização.

- Ah, quero fazer algum curso técnico. (Maria)

- Quero fazer curso técnico e curso de artesanato, porque gosto muito. (Amélia)

- Meu sonho é ser policial, pretendo continuar estudando. (Lúcia)

Quanto à fala das alunas entrevistadas notamos que todas elas têm uma pretensão para o futuro. Maria e Amélia pretendem ingressar em um curso técnico, já a aluna Lúcia, almeja ser policial. Méndez (2013) citado por Lima; Oliveira e Paz (2015) ressalta que a EJA se depara com a exigência do mercado por uma educação formal que contribua para a formação de sujeitos dotados de multifuncionalidade, adaptabilidade, disciplina e alta produtividade.

Fazendo uma análise das respostas das estudantes vimos que, assim como em todos os níveis de ensino, os alunos da modalidade EJA também enfrentam grandes desafios para continuarem os estudos.

Nesse sentido, ARROYO (1997), afirma que o sucesso ou o fracasso escolar, são caudados pelo sistema de ensino, ele propõe que se faça uma reflexão sobre a atual estrutura escolar, promovendo uma escola com experiências sociocultural e formadora de sujeitos ativos na sociedade.

A evasão desses alunos da escola se dá por vários motivos, tais como: o ciúme do companheiro (a), o cansaço físico após o exaustivo dia de trabalho, gravidez, vícios, preconceitos, distância entre a casa e a escola, os grandes índices de violências no entorno da escola, dentre outros fatores.

Grande parte dos jovens e adultos tem ficado de fora do mercado de trabalho formal por não conseguirem completar o mínimo de escolaridade exigida. Alguns deles ainda não sabem ler e escrever, dificultando ainda mais a possibilidade de conseguir um emprego melhor.

Embora diversas situações possam causar a desmotivação dos alunos, a vontade de concluírem os estudos, de aprender, de serem protagonistas de suas vidas, de terem um futuro melhor, é maior. Portanto a escolarização é um instrumento fundamental para que as pessoas consigam se posicionar na sociedade. De acordo com Rego (2013).

*Se a escolarização desempenha um papel tão fundamental na constituição do indivíduo que vive numa sociedade letrada e complexa como a nossa, a exclusão, o fracasso e o abandono da escola, por parte dos alunos, constituem-se, nessa perspectiva, fatores de extrema gravidade. Isso quer dizer que o fato do indivíduo não ter acesso à escola significa um impedimento da apropriação do saber sistematizado, da construção de funções psicológicas mais sofisticadas, de instrumentos de educação e transformação de seu meio social e de condições para a construção de novos conhecimentos.*

O professor tem um papel importante nesse processo de escolarização do aluno da EJA. É ele que, de posse dos prescritos legais, deve proporcionar situações diferentes de aprendizagem que possam contribuir para o exercício pleno da cidadania.

Paulo Freire, em seu livro “*Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*”, publicado pela editora Paz e Terra, (1996) escreveu: “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Já para Libâneo (1992, p.47) “o trabalho do docente constitui o exercício profissional do professor. Esse é o seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos”.

Portanto, procurando compreender as percepções dos professores em relação à modalidade EJA, entrevistamos duas professoras, que, aqui, chamaremos pelos nomes de Mirela e Lurdes.

Mirela é professora desde 2013. Tem 47 anos e é professora de Ciências. Já Lurdes, é formada desde 1999, em pedagogia. Tem 55 anos e sempre lecionou para as séries iniciais e leciona na modalidade EJA há aproximadamente seis anos.

Quais percepções têm Mirela e Lurdes em relação aos interesses dos alunos da EJA? Vejamos o que elas nos responderam:

- No geral são bem esforçados, quando o cansaço não vence a vontade de aprender. Há aqueles, os mais jovens, esses normalmente, vem pra ganhar presença. Não se esforçam muito. (Mirela).

- Meus alunos são muito esforçados, fazem todas as tarefas, demonstram realmente que querem aprender, eu tento o máximo deixar as aulas mais atraentes para eles. (Lurdes).

As docentes entrevistadas concordam que os alunos são esforçados, apesar das dificuldades de cada um deles. Ainda assim, a professora Mirela ressalta que os alunos mais jovens demonstram interesse apenas pela presença, mais do que realmente adquirirem conhecimento. Constatamos que há muitos jovens, que deveriam estar no ensino regular, matriculados na EJA, com isso eles almejam passar mais rápido pelas etapas de educação e conseguir o certificado.

Segundo Farias (2017), alunos mais jovens, ultrapassam a idade de estudar no diurno, reprovam por vários anos consecutivos, e que estes não parecem fazer muita questão em passar de ano. Esses alunos são levados a estudar à noite, por serem considerados “alunos problemáticos” no turno diurno.

Se os alunos considerados “problemáticos” no turno diurno são transferidos para o turno noturno, de que modo as professoras Mirela e Lurdes lidam com esses sujeitos? Eles continuam sendo considerados “problemáticos”, mesmo no noturno? Que desafios as professoras encontram para lidar com eles? Interessamo-nos por essas questões e as professoras destacaram:

- Tenho muita dificuldade em finalizar conteúdos dados. Com as faltas, preciso repetir. É perda de tempo. Na minha sala tem uma garotada, que dificulta um pouco também. Conversam demais. (Mirela)

- Sala vazia. Tenho que ficar repetindo conteúdo. (Lurdes)

Nessa questão, ambas as docentes entrevistadas, ressaltam que a maior dificuldade que elas têm é em relação a repassar os conteúdos, pois precisam sempre retomar, por conta das faltas dos alunos.

Para Kupfer (1995, p.79) apud (Pezzini;Szymanski) “[...] o processo de aprendizagem depende da razão que motiva a busca de conhecimento” , isso nos mostra que os alunos precisam ser provocados para a busca do conhecimento. Talvez os conteúdos aplicados não estejam relacionados com a vivência dos alunos, desmotivando-os a estar presentes na sala de aula.

Nessa perspectiva, perguntamos às professoras sobre a disponibilidade de recursos didáticos e pedagógicos pela escola para as aulas da EJA.

- Aqui na escola, os livros que foram disponibilizados não são adequados para os nossos alunos e por isso nós nos reunimos e reformulamos os conteúdos para os alunos da EJA. (Mirela)

- Tento dar conta de passar para os alunos tudo o que está no livro fornecido pela escola, apesar de não concordar com o livro. Além disso, trabalho com vídeos educativos e com assuntos do cotidiano. (Lurdes).

As docentes apontaram que o livro fornecido pela escola não está de acordo com os alunos da EJA. Mirela resalta que os professores da escola reformularam os

conteúdos para deixá-los de acordo com os alunos. Já Lurdes, utiliza o livro e faz também o uso de vídeos relacionados com assuntos do cotidiano.

Freire (2015), afirma que: “Ensinar exige respeito aos saberes dos Educandos”, portanto, entendemos como práticas significativas, aquelas adotadas por professores que levam em conta as peculiaridades dos alunos. No caso dos alunos de EJA, seria necessária a produção de aulas, com matérias que concebam os alunos diferentes daqueles alunos que estão no ensino regular.

Em sua prática, os professores de EJA devem valorizar os conhecimentos que esses alunos trazem consigo e promover práticas de ensino que aproximem o conhecimento escolar do universo dessas pessoas.

Porém, ainda segundo o coordenador da EJA, “isso é teórico”, e também não deixa de se tornar um problema, pois, segundo ele, “a Serra não possui professores especializados em EJA. Os mesmos que atuam na educação fundamental regular, atuam também na modalidade EJA”, afirmou o Coordenador.

A coordenação da EJA vem tentando solucionar esse problema, através de formação com os professores. Segundo o Coordenador, “no ano de 2016 foi realizada uma formação para os professores de EJA, juntamente com os professores de Vitória, no turno vespertino”. Porém, destacou o coordenador, “com pouca presença dos professores” e segue comentando: “neste ano, também ocorreu uma formação para professores das séries iniciais, séries finais e para coordenadores e pedagogos de EJA”.

Ainda segundo o coordenador geral da EJA de Serra, estão previstos para iniciar em 2018 programas em parceria com a Secretaria de Trabalho, Emprego e Renda (SETER) e com o Pró Cidadão, com objetivo de atender às pessoas com idades mais avançadas, aposentadas e pessoas em liberdade assistida. Esse atendimento está previsto para acontecer no Centro de Ensino Técnico Capixaba em Serra (CETEC), com salas preparadas para o atendimento desses alunos inclusive com oferta de alimentação.

Quanto à valorização do profissional que atua na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, o coordenador destacou um possível reajuste que está sendo

discutido com a municipalidade. Isso, segundo ele, também poderá trazer mudanças e benefícios, tanto para o corpo docente do município, quanto para os estudantes da EJA. Também existe a proposta de designar um dia da semana dedicado, exclusivamente, ao processo de planejamento e formação de professores que atuam na EJA. Contudo, é uma proposta que passa por uma reformulação e ainda não foi aprovada.

## **CONSIDERAÇÕES**

Durante esta pesquisa fizemos um percurso pela trajetória da Educação de Jovens e Adultos, marcada por fragilidades e descontinuidade das políticas voltadas para essa modalidade de ensino. Porém, encontramos também incessantes lutas e enfrentamentos que asseguram a efetivação do direito à educação gratuita e de qualidade a jovens e adultos trabalhadores deste País.

No campo da pesquisa, onde fizemos entrevistas com alunas, professores e também com o coordenador geral da modalidade EJA, além de observações, averiguamos que ainda há muitos desafios a serem enfrentados para que essa modalidade de ensino cumpra com seu compromisso de erradicar o analfabetismo de pessoas jovens e adultas no País.

Notamos, em nosso campo de pesquisa, que a modalidade EJA vem sendo muito procurada por sujeitos muito jovens que deveriam estar no ensino regular, mas a incidência de repetências, entre outras questões, faz com que o sistema os empurre para a EJA pois, “minimamente”, eles precisam concluir os estudos para se colocarem economicamente na sociedade. Igualmente acontece com os sujeitos mais adultos. Tudo o que eles querem é “conseguir um emprego melhor”.

Notamos também, a falta de especializações dos professores para atender ao público da EJA no município de Serra. Há poucas formações para os professores, isso acaba acarretando, também, na evasão dos alunos da escola, pois além de tantas outras dificuldades que os alunos enfrentam para estar estudando, a falta de didática dos professores para lidar com os alunos da EJA, acaba se tornando mais um motivo.

Notamos aí a importância das práticas pedagógicas na EJA. Elas devem estar associadas aos motivos que impulsionam os jovens e adultos a frequentá-la. É preciso que haja sentido, pois sem isso não há mobilização, esforço e nem envolvimento em qualquer atividade. Aspectos como esses precisam ser considerados nas práticas pedagógicas da EJA, sendo mediadas pelo professor e com participação dos alunos.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Formar Educadoras e Educadores de Jovens e Adultos**, 2006. Disponível em: <[http://forumeja.org.br/un/files/Formacao\\_de\\_educadores\\_de\\_jovens\\_e\\_adultos.pdf](http://forumeja.org.br/un/files/Formacao_de_educadores_de_jovens_e_adultos.pdf)> acesso em: 16/12/2017.

ARROYO, M. G. Fracasso-Sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In: ABRAMOWICZ, A. A; MOLL, J. (Org.). Para além do fracasso escolar. 6º ed. Campinas: Papirus, 1997, v., p. 11-26.

BASTOS, Roberta Freire. Dissertação de Mestrado. Teses. UFES, 2016. Disponível em: <<http://portais4.ufes.br>> acesso em 24/10/2017.

BATISTA, Andréia de Sousa. Dissertação de Mestrado. Teses. UFES, 2011. Disponível em: < <http://repositorio.ufes.br>. > acesso em 26/10/2017.

BEZERRA, Geovani Ferreira; SANTANA, Maria Silva Rosa. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: notas históricas e preposições críticas. Interfaces da Educação. Disponível em:< <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/viewFile/592/556>. Acesso em 26/10/2017.

BONFONTE, Rosane. **Influência Familiar na Motivação para Estudar e os Reflexos Sociais.** Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/Rosani-Bonfante.pdf> acesso em: 01/12/2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Que é Método Paulo Freire.1.ed.São Paulo: Brasiliense, 2006.

FARIAS, Maria Jaidete. **O Perfil do Aluno da Educação de Jovens e Adultos**, 2017. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-perfil-do-aluno-da-educacao-de-jovens-e-adultos/34725> Acesso em: 01/12/2017.

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2017. Disponível em:< <https://cidades.ibge.gov.br>> acesso em: 10/10/2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 51. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2011b.

HONORATO, Pricilla. Perguntas sobre o Programa Lançado em 2007 pelo governo Federal. Disponível em:< <http://www.todospelaeducacao.org.br>> acesso em: 06/11/2017.

JARDINHO, José Rubens Lima, “Educação de Jovens e Adultos”[ livro eletrônico ]: sujeito, sabres e práticas. São Paulo, Cortez, 2015.

LEI Nº 3607, DE 25 D OUTUBRO DE 2010. Disponível em< <http://legis.serra.es.gov.br> > acesso em: 11/11/2017.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1992.

LIMA, Edivânia Maria Barros; OLIVEIRA, Nilton e VLADSON, Santos. Educação de Jovens e Adultos e Mundo do Trabalho: Diálogos discentes e Docentes na Escola Municipal Solange Coelho. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19972\\_10504.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19972_10504.pdf).> acesso em 30/11/2017.

MENDONÇA, Ana Lúcia; MAIA, Marta de Campos e Góes, Paulo. **Estudo de uma metodologia de capacitação de professores no uso de tecnologias educacionais.** Congresso 2004. Disponível em:< <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/015-TC-A2.htm>> acesso em 30/11/2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREHOUSKEI, Nestor A; DIAS, Leticia P; BARROS, Rafaela de Angelis. **Educação e Escola e Trajetória da Educação de Jovens e Adultos.** Revista percurso- NEMO. Disponível em:< <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/index>> acesso em:20/10/2017.

PEZZINI, Glenilda Cazarin; SZYMANSKI, Maria Lidia Sica. **FALTA DE DESEJO DE APRENDER Causas e Consequências.** Disponível em:< <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/853-2.pdf>> acesso em 01/12/2017.

REGO, Tereza Cristina. Vigotsky: Uma perspectiva histórica cultural da Educação. Editora Vozes Limitada, 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso em: 25/11/2017

SANTOS, Josiel Almeida; FRANÇA, Kleber Vieira e SANTOS, Lúcia S. B. **Dificuldades na Aprendizagem de Matemática**, 2007, Monografia, Centro Universitário Adventista de São Paulo, São Paulo.

WERNECK, Hamiton. **Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata**. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.